

O DOUTOR, A SERPENTE E A FONTE

(Vanessa Soeiro Carneiro)

Abro os olhos relutante quando ouço o familiar barulho da TARDIS que programei como toque do meu celular. Ainda sonolenta, pego o aparelho e só então percebo que ele não está tocando. “Será que estou ouvindo coisas?”, me pergunto em voz alta enquanto olho ao redor procurando a fonte daquele som. Corro para o quintal quando me dou conta de que ele parece estar vindo do lado de fora.

Destranco o cadeado apressada e preocupada enquanto ouço K9 rosar e latir ameaçando alguém ou alguma coisa. Pensando bem, talvez não seja uma boa ideia ir lá fora... Mas a curiosidade fala mais alto e, finalmente entendendo porque as pessoas morrem em filmes de terror, abro a porta.

Por alguns segundos, eu acho que ainda estou sonhando e esfrego os meus olhos sem acreditar no que vejo. Há um homem no meu quintal. Um homem lindo, vestindo calça social e paletó cinza e tênis brancos está no meu quintal. E ele está latindo de volta para o meu cachorro como se ambos estivessem tendo uma animada conversa. De repente, para a minha surpresa, K9 se deita no chão com a barriga para cima e o estranho se abaixa e começa a fazer carinho nele. Grande segurança esse pitbull se provou ser!

Ouçó uma voz feminina perguntando se eles vão entrar ou não e me assusto ao ver uma mulher-jacaroa, mulher-réptil, mulher-sei-lá-o-quê em frente a uma antiga cabine de polícia inglesa. É nesse momento que a minha ficha cai e eu questiono a minha sanidade enquanto exclamo:

— Jesus, Maria e José! — Todos os rostos se voltam pra mim (incluindo o de K9) e a minha presença finalmente é notada. — Isso é uma TARDIS!? Tem uma TARDIS no meu quintal!?

Eu tenho certeza de que devo estar parecendo louca porque até eu consigo notar a histeria na minha voz. Eu posso estar sem meus óculos, mas eu sei o que estou vendo. Tem uma espaçonave — e não é qualquer espaço nave, é uma TARDIS! — no meio do meu quintal e eu não estou sonhando. Isso quer dizer que... Eu encaro o homem, que mais parece o James McAvoy quando interpretou o Johnny em Penélope, sem conseguir acreditar em quem ele é.

— Você deve ser a Conceição — ele estende a mão para mim —, é um prazer conhecê-la.

— Co-como tu sabe o meu nome? — aperto a mão dele de forma automática, sem nem pensar muito no que estou fazendo.

— K9 me contou. — Deu de ombros como se tivesse acabado de dizer algo completamente normal.

— K9? Tu tá querendo me dizer que consegue falar com meu cachorro?

— Claro! Eu passei algumas semanas no planeta Cerberus e fui muito bem recebido pelos canini. É um povo que gosta muito de conversar.

K9 late e abana o rabo como se para confirmar o que o estranho falava enquanto eu começo a hiperventilar.

— Meu cachorro é um alienígena!?

— Na verdade, descendente de alienígenas seria o mais correto. Pelo que eu entendi da nossa breve conversa, K9 cresceu e foi criado aqui, o que faz dele um terráqueo.

A mulher-lagarto tosse interrompendo a nossa conversa e se aproxima.

— Doutor, acho que você está assustando a moça — e virando-se para mim. — Por favor, perdoe a falta de modos do meu amigo. Às vezes ele esquece o quão... inusitadas as aparições dele podem ser. Eu me chamo Vastra e ele é o Doutor.

Nossa Senhora de Nazaré! Tem uma siluriana e um senhor do tempo no meu quintal! E não são qualquer siluriana e qualquer senhor do tempo, são a Madame Vastra e o Doutor! Me sinto como uma criança que ganhou exatamente o que queria de Natal!

— Prazer em te conhecer. — Aperto a sua mão do modo mais natural que eu posso, como se eu conhecesse seres pré-históricos todos os dias, mas, por dentro, estou dando pulinhos eufóricos.

— É um prazer conhecê-la também.

— Eu não acredito que vocês são reais e que estão aqui na minha casa. Isso é um sonho não é? Eu só posso... AI!

Massageio o meu tornozelo enquanto encaro K9, que faz a maior cara de santo do pau oco como se fingisse que não acabou de me morder. Eu abro a boca para ralar com ele, mas o cão me interrompe novamente, dessa vez, latindo pra mim.

— Ele disse que fez isso para você saber que está acordada — o Doutor McAvoy explica.

— Aham... sei...

— Senhorita — volto minha atenção para Madame Vastra —, tem algo que eu não entendi. Você falou que não acredita que somos reais, mas por que não seríamos? E você fala como se nos conhecesse.

— É que, de certa forma, eu conheço. Sou muito fã de Doctor Who, já perdi a conta de quantas vezes assisti à série nova e agora estou assistindo à clássica. Sempre imaginei que vocês fossem só personagens de TV, nunca me passou pela cabeça que pudessem ser pessoas de verdade.

— Doutor, você entende o que ela está dizendo? Porque eu continuo confusa.

— É um pouco complicado, mas tentarei resumir. Um dos meus antigos companions, depois que parou de viajar comigo, decidiu contar histórias inspiradas em nossas aventuras e compartilhá-las com o mundo.

— Entendi. Ele escreveu livros então?

— Não. Embora existam livros também, o que ele fez foi, junto com dois amigos, criar um seriado de televisão.

— Televisão, Doutor? O que é isso?

— Você nunca viu uma televisão!?

Os dois me olham como se, de repente, lembrassem da minha existência e eu começo a me sentir invisível, tal qual uma intrusa no meio deles. O que é um absurdo já que esta é minha casa, logo, os intrusos aqui são eles.

— Não senhorita, mas eu adoraria ver uma. Você pode me mostrar?

Antes que eu possa responder, o Doutor retoma a dianteira da conversa.

— Não temos tempo para isso agora, Vastra. Precisamos encontrar a serpente antes que a cidade afunde. Depois que resolvermos esse problema, eu prometo que te apresento a uma televisão. Conceição — eu ainda estou tentando **processar** o que acabei de ouvir e acabo me assustando quando ouço-o chamar o meu nome —, foi um prazer, mas agora nós temos que ir e K9 vai conosco como nosso guia. Eu o trago de volta em um segundo, você nem vai notar que ele partiu.

Ele se vira sem nem se despedir e foi em direção a TARDIS. Que mal educado! K9 simplesmente late, não sei se me dizendo que logo estaria de volta ou se pedindo para espera-lo, e corre atrás do Doutor. Madame Vastra é a única que tem a decência de me dar tchau. Irritada, corro atrás deles antes que embarquem.

— Peraí, vocês tavam falando da serpente da Fonte do Ribeirão?

O Doutor para imediatamente fazendo com que K9 e Madame Vastra trombem com ele.

— Você já a viu? Sabe onde ela está?

— Você está querendo me dizer que ela existe mesmo? Não é só uma lenda?

— Nada nunca é só uma lenda, sempre há alguma verdade por trás.

— Mas como isso é possível?

— Diga-me, senhorita Conceição — Madame Vastra me responde —, o que você sabe sobre a Era Paleozóica?

— Vastra, nós não temos tempo para aulas de Geografia. Conceição, você sabe onde a serpente está? Pode nos levar até ela?

— Acho que sim, mas primeiro vocês precisam me explicar exatamente o que está acontecendo. E não me venha com essa de que não temos tempo. — Ele tinha acabado de abrir a boca para me interromper, mas a fechou no mesmo instante. — Tem uma espaçonave capaz de viajar através do tempo e do espaço no meu quintal. Então, a meu ver, temos todo o tempo do mundo.

— Ela tem razão, Doutor. — Um sorriso escapa dos lábios de Madame Vastra denunciando seu divertimento com toda essa confusão.

— Tudo bem, mas se essa ilha afundar, a responsabilidade será toda sua.

Eu aceno com a cabeça concordando e começo a conduzi-los para dentro de casa quando K9 começa a latir pra mim e eu não preciso falar cachorrês para entender o que ele quer. Troco sua água e coloco uma vasilha de ração ao lado. Ele pula em cima de mim lambendo meu rosto em agradecimento e vai comer.

Depois disso, eu levo o Doutor e a Madame Vastra até a sala e peço que eles me esperem um instante. Eu vou para o banheiro e me banho em tempo recorde. Escovo os dentes, visto uma roupa de sair, coloco os meus óculos e, em menos de 15 minutos, fico pronta.

Volto para a sala e percebo que meus convidados levaram a sério quando eu disse para ficarem à vontade. O Doutor está explicando como as televisões funcionam para Madame Vastra e zapeando por vários canais. Ela, por sua vez, estava com os olhos brilhando e exclamando vários “ohs” e “ahs”. Nunca imaginei que alguém que viajou para outros planetas, para o passado e para o futuro e que já conheceu tecnologias bem mais avançadas poderia ficar tão encantada com uma simples televisão.

Meu estômago começa a roncar me lembrando de que eu ainda não tomei café da manhã e dedurando minha presença.

— Será que dá tempo da gente comer antes de sair? — pergunto quando os dois me encaram e meu estômago ronca mais uma vez reforçando a minha pergunta.

— Bem... como você disse antes, temos todo o tempo do mundo, então não vejo por que não. E é bom que aproveitamos esse tempo para te colocar a par da situação.

Nos dirigimos para a cozinha e lhes ofereço uma xícara de café que prontamente aceitam. Coó o café e faço alguns beijos para comermos e eles aproveitam para me explicarem a origem da serpente.

— O que você sabe sobre a serpente? — O Doutor me pergunta.

— Segundo a lenda, ela vive nas galerias subterrâneas aqui do centro, sua cabeça está na Fonte do Ribeirão e sua cauda, abaixo da Igreja de São Pantaleão. Ela está dormindo há séculos, mas não para de crescer. Um dia sua cauda encontrará sua cabeça e, quando isso acontecer, ela irá acordar e arrastará toda a ilha consigo para o fundo mar.

— Como o Doutor disse antes, nada nunca é só uma lenda. Isso já aconteceu antes, há milhares de anos, muito antes de vocês, humanos, surgirem aqui na Terra.

— A submersão de Atlântida... eu lembro disso. Outro fato histórico que atravessou gerações até se tornar apenas uma lenda.

— A-Atlântida existiu?

— Foi isso que eu acabei de dizer. Você está com problemas de audição? Quer que chamemos um médico?

Ele me encara como se esperasse algum tipo de reação minha, mas eu apenas continuo pasma com o fato de Atlântida também ser mais do que só uma lenda.

— Doutor, acho que ela não entendeu o trocadilho. — Madame Vastra o consola. — Tenho a leve impressão de que ele não fez muito sentido nesse idioma.

— Tudo bem, vamos voltar a focar no que importa nesse momento. Pelos nossos cálculos, acreditamos que a nave da serpente caiu aqui na Era Paleozóica, durante o período Ordoviciano. — Dessa vez eu nem me sobressaltei com a informação. Depois de tudo o que ouvi hoje, em nada me surpreende descobrir que a serpente também é uma alienígena. — Sem conseguir se comunicar com o seu planeta natal, Ophidia, ela decidiu hibernar e esperar que alguém viesse resgatá-la. Vastra, quer terminar de contar a história? Acho que você sabe o que aconteceu depois bem melhor do que eu.

— Certo. Quando meu povo começou a se estabelecer por aqui, não sabíamos da existência da ophidiana e alguns de nós construíram Atlântida justamente sobre o local onde ela descansava. Só descobrimos o erro milhares de anos depois quando ela acordou e acabou causando a destruição da cidade. Atlântida era pequena, mas muito desenvolvida e muito conhecimento se perdeu com o seu desaparecimento.

— Por conta da distância entre Ophidia e a Terra, sua família acabou levando muito tempo para descobrir o que havia acontecido e então me procuraram e pediram que eu a levasse de volta para casa. Eu pedi que Vastra me acompanhasse nessa missão por ela ter presenciado o último desastre causado pela serpente. Aliás, seus pais me disseram que o nome dela é Celeste.

— E por que agora? Quer dizer, vocês não poderiam ter viajado para o período Siluriano e evitado o que aconteceu em Atlântida?

— Não, exatamente. O desaparecimento de Atlântida é um ponto fixo na História e, por isso, não pode ser alterado. Entretanto, não há registros de o mesmo ter acontecido aqui em São Luís. O plano era resgatar Celeste alguns dias antes que ela pudesse acordar outra vez, mas algo saiu errado e nós viemos parar aqui, no seu quintal, justamente hoje, no dia em que ela deverá despertar.

Francamente, o fato de São Luís estar sob a iminência de ser destruída por uma serpente lendária e alienígena em pleno 2020 me parece extremamente crível e nada surpreendente.

— Você sabe o que deu errado?

— Não. Algo atraiu a TARDIS para cá, talvez ela tenha captado algum tipo de chamado. Isso acontece com mais frequência do que eu gostaria, alguém está dormindo e acaba emitindo um pedido de socorro por causa de algum pesadelo ou uma espécie de convite por estar sonhando com a TARDIS. Geralmente, conseguimos identificar essas situações e ir embora antes de sermos descobertos, mas hoje foi uma exceção.

Subitamente eu me sinto culpada já que eu estava justamente sonhando que era companion do nono Doutor, meu preferido, quando acordei com o barulho da TARDIS verdadeira pousando aqui. Decido que é melhor não comentar esse fato e retomo o assunto principal.

— Vocês têm algum plano para capturar a serpente?

— Resgatar. — Madame Vastra me corrige. — E a serpente tem nome, senhorita.

— Me desculpe. Vocês têm algum plano para *resgatar* — ênfase bem a palavra — a Celeste?

— Sim, é uma missão muito simples, só precisamos entrar nessa tal Fonte do Ribeirão.

— Hum... Doutor, não é possível entrar lá.

— Isso complica as coisas, tem alguma outra entrada?

— Acho que sim, Vastra. Parte da lenda diz que existem galerias ligando todas as igrejas católicas antigas do Centro e é lá que a ser... a Celeste vive. O acesso a elas é proibido, mas... é um lugar menos público, talvez consigamos entrar.

— Certo, o plano é o seguinte: nós vamos à Fonte e nos certificamos de que Celeste está lá, depois vamos a uma das igrejas, entramos na galeria e seguimos até onde está sua cabeça. — Ele bate palmas e se levanta da cadeira empolgado. — Vamos!

— Ainda não, vocês não podem ir assim.

— Assim como? — Madame Vastra pergunta

— Bem... eu não quero parecer indelicada, mas as pessoas podem se assustar um pouco quando te virem.

— Não se preocupe, é só eu abaixar o meu véu que ninguém verá o meu rosto.

— É verdade, mas... aqui é muito quente, tu pode acabar passando mal com essa roupa toda que está vestindo. — A siluriana usava um vestido que parecia ter saído de um filme sobre a Inglaterra vitoriana e luvas, eu estava com calor só de olhar para ela. — Tu também, Doutor. Deveria, ao menos, tirar o paletó para não ficar com calor daqui a pouco.

— Hum... Acho que tenho algumas roupas mais leves no meu guarda-roupa e, Vastra, eu sei que você não gosta muito de usar um projetor de imagem, mas acho que, dessa vez, essa será a melhor opção.

Eu quis perguntar o que era um projetor de imagem, mas tive a sensação de que logo descobriria.

— Tudo bem, eu uso o projetor, mas não trouxe nenhuma muda de roupa para poder me trocar. Você tem alguma coisa na TARDIS?

— Com certeza! Vamos lá!

— Esperem um segundo. Eu já ia esquecendo algo.

Corro para o meu quarto e procuro uma máscara limpa. Por que a gente nunca acha nada quando estamos com pressa? Por sorte, avisto uma em cima da minha bíblia e coloco em mim torcendo para não ter me exposto a nenhuma doença alienígena e viajante no tempo até agora.

— Por que a senhorita está escondendo esse seu rosto tão bonito atrás de uma máscara? — Madame Vastra me pergunta.

— Ah! — O Doutor dá um tapa na própria testa. — Estamos em 2020, né? O ano em que a pandemia do coronavírus começou. — Algo no modo como ele fala “começou” me faz arrepiar toda.

— Exatamente... Ah! E, Vastra, não precisa ficar me chamando de senhorita, estamos no século XXI, isso é meio estranho.

— Como queiras, senho... Conceição.

Eu sorrio para ela em agradecimento e finalmente vamos para o quintal. K9 late como se reclamasse da nossa demora e entra conosco na TARDIS. Eu olho ao meu redor embasbacada com o tamanho e a beleza da nave, nem todos os episódios do seriado poderiam ter me preparado para isso. Eu não tenho nem palavras para descrever o que vejo, imagine a nave espacial mais tecnologicamente avançada e estilizada que você puder. Ela nem se compara a TARDIS. Inspiro fundo, me preparando para dizer o que eu nunca achei que diria e...

— Au! É maior do lado de dentro!

Eu murcho na mesma hora e encaro K9 indignada por ele ter frustrado meu momento e então me dou conta de que...

— Peraí! Tu tá falando?

— Eu sempre falei, Conceição. Tu que nunca me entendeu. E eu achei que o Doutor já tinha te explicado isso.

Eu ignoro o tom condescendente da sua voz e questiono o motivo de agora eu conseguir entendê-lo e o Doutor me lembra que a TARDIS tem esse efeito nas pessoas. Eu logo me empolgo com a possibilidade de compreender qualquer idioma, mas ele me desanima me dizendo que esse efeito se desvanece aos poucos depois que se para de ter contato frequente com a nave. K9 nos lembra que temos uma missão a cumprir e o Doutor vai atrás do tal projetor de imagem.

Leva um tempo para que ele encontre e eu compreendo o motivo assim que vejo o aparelho. Ele é preto, redondo e bem pequeno, um pouco maior do que uma lente de contato, algo muito fácil de se perder. O Doutor entrega-o para Madame Vastra que o pressiona em seu pescoço ativando-o. Subitamente, sua fisionomia começa a se transformar como se ela estivesse se desconstruindo e se refazendo bem à minha frente. Sua aparência já não é mais de uma siluriana e sim de uma mulher humana. Sua pele escura é alguns tons mais clara que a minha e o seu cabelo também é preto, mas – diferente do meu, que é curto e cacheado –, o dela é comprido e liso. Apenas seus olhos claros continuam os mesmos.

— Agora só precisamos resolver a questão das roupas. Sigam-me.

O Doutor nos guia por longos corredores até que chegamos em um cômodo, que mais parece uma loja de departamento, com roupas femininas de diferentes tamanhos e

estilos penduradas em araras. Ele nos deixa ali e pede que o encontremos na sala de controle quando terminarmos.

Eu escolho um short jeans e uma camiseta regata, além de um par de chinelos, e entrego para que ela experimente. As roupas servem perfeitamente, mas Madame Vastra parece se sentir um pouco insegura com elas.

— Tens certeza que essa roupa é adequada? Eu me sinto um pouco indecorosa com elas.

— Não te preocupa, elas são completamente comuns e decentes. Tu tá ótima.

Guardamos a roupa que a Madame estava usando antes e saímos da “loja”, mas estancamos assim que chegamos ao corredor porque nenhuma de nós duas sabe o caminho de volta. Como se notasse a nossa angústia, a TARDIS começa a rearranjar o labirinto a nossa frente até que ele se transforme em apenas um longo corredor. Murmuro um “Obrigada, Sexy!” e seguimos para a sala de controle.

Encontramos o Doutor e eu fico boquiaberta com o visual que ele adotou. Ele usando sandálias masculinas, uma bermuda cargo preta com uma camiseta branca e uma camisa florida desabotoada por cima. E eu achando que não teria como ele destoar mais ainda da imagem que passam dele no seriado. K9 também andou se produzindo e está usando uma espécie de óculos escuros para cachorro. Nunca imaginei que ele pudesse gostar de acessórios caninos, será que ele me deixaria vesti-lo com roupinhas fofas também?

— Não vamos esquecer das nossas máscaras — O comentário do Doutor me tira dos meus devaneios —, mesmo imunes ao coronavírus devemos dar o exemplo. — Ele coloca uma máscara com estampa de gatinhos e entrega uma toda preta para Madame Vastra. — Todos prontos?

— Aham.

— O que isso significa?

— Que já podemos ir. — K9 responde à Madame Vastra por mim.

O Doutor mexe os controles, ouvimos aquele familiar som da TARDIS ligando e eu mal consigo conter a minha animação. A viagem dura apenas alguns segundos e quando ele abre a porta nos deparamos com as carrancas da Fonte do Ribeirão e eu estou, oficialmente, surtando internamente.

Eu mostro para eles onde são as entradas das galerias e o Doutor coloca uns óculos bizarros no rosto, depois pega sua chave de fenda sônica (que em nada parece com uma

chave de fenda) do bolso da bermuda e o aponta para os óculos e a chave começa a emitir um barulho agudo. Eu preciso de todo o meu autocontrole para não bancar a tiete agora.

— É, estávamos certos. Celeste está aqui.

Ele passa os óculos para Madame Vastra que, depois de usá-los, me entrega. Eu os coloco e tomo um susto com o que vejo. Ao contrário da sua xará rosa e amigável, a serpente é completamente assustadora. Parece que eu estou encarando um dragão prestes a acordar e a destruir tudo o que é importante pra mim, o que não deixa de ser parcialmente verdade.

— Au! Eu também quero ver!

Coloco os óculos em K9 e, depois de encarar a serpente, ele corre para se esconder entre as minhas pernas se tremendo de medo.

— Como você fará para levá-la de volta ao seu planeta natal?

— Não se preocupe com isso, Conceição, eu tenho um plano. Mas, primeiro, precisamos chegar até ela. Qual a igreja mais próxima daqui?

— A igreja do Carmo. É por aqui.

Eu os guio pelas ruas do Centro Histórico através de uma multidão de pessoas que não parece saber o que é distanciamento social ou como usar máscara direito. Para nossa sorte eu esqueci de colocar a guia na coleira de K9 antes de sairmos e as pessoas acabam se afastando e abrindo espaço quando nos veem com um pitbull solto. Mal sabem elas que o pior que K9 pode fazer é julgá-las. Na verdade, eu tenho certeza que ele está se aproveitando dos óculos escuros para encarar acusadoramente todos aqueles que estão sem máscara, com a máscara no queixo ou apenas com o nariz de fora.

Chegamos na igreja do Carmo cinco minutos depois, faço o sinal da cruz e entramos. Para nossa sorte, o local está vazio e podemos burlar as faixas que demarcam a área cujo acesso é proibido aos visitantes. O problema é que a entrada para as galerias subterrâneas está gradeada. Questiono como faremos para entrar e o Doutor novamente faz uso da sua chave de fenda, dessa vez para cortar as grades que barram nosso caminho. Entramos nos túneis e ele utiliza a chave de fenda para soldar as barras de volta em seus lugares.

O cheiro que impregna o local é forte, mas não chega a ser tão ruim quanto eu imaginei e por isso tiro minha máscara e guardo-a no bolso, aproveito e penduro os óculos de K9 na minha blusa. O Doutor e Vastra fazem o mesmo.

Seguimos pelo túnel sem usar lanterna para não arriscar acordamos a serpente e, por isso, a Madame e K9 vão na frente nos guiando já que eles conseguem enxergar

melhor no escuro. Mal damos alguns passos e nos deparamos com o que penso ser a barriga do monstro, ou pelo menos uma parte dela. É grande, quase da minha altura, e parece ser escamosa.

Continuamos seguindo pelo túnel, sempre nos guiando pela serpente ao longo das curvas e bifurcações, até que finalmente chegamos à sua cabeça. O Doutor tira um cubo de um dos bolsos e nos explica o que fará:

— Essa é uma espécie de caixa de transporte ophidiana, normalmente é utilizada para que crianças viajem em segurança. Assim, como a TARDIS, o espaço interno é maior que o exterior. Eu só preciso mirar entre os olhos dela e apertar esse botão, aí Celeste será transportada para dentro da caixa.

Até que não parece tão complicado e isso me deixa preocupada. Eu já assisti a séries demais para saber que não pode ser tão fácil assim. O Doutor se posiciona em frente ao rosto da serpente e é aí que o que eu temia acontece. Ela acorda.

O chão treme violentamente e eu posso imaginar o desespero e a confusão das pessoas que não têm ideia do que está acontecendo ali na fonte. Tapo os meus ouvidos tentando abafar o seu sibilo, que ecoa tão alto a ponto de eu ter certeza de que não tem uma viva alma nessa cidade, quiçá na ilha toda, que não a tenha escutado. Devido ao meu contato com a TARDIS eu consigo entendê-la e percebo que ela está chorando, como uma criança que acorda assustada sem saber onde está. Acho que o Doutor também percebeu porque ele tenta consolá-la.

— Celeste, está tudo bem. Eu sou o Doutor, sua família me enviou para resgatá-la.

— Minha ssss família? Elessss não ssssse esquecccccaram de mim?

— Claro que não! Eles te procuraram esse tempo todo!

— Como eu possssso sssssaber que voccccccê esssstá falando a verdade?

Quando mais agitada ela fica, pior se torna o terremoto que está causando. K9 late pedindo, em um perfeito maranhês, que ela não se afudegue, mas isso só piora a situação. Se o Doutor não conseguir acalmá-la logo, ela vai acabar afundando todas as cidades dessa ilha.

Madame Vastra decide intervir na situação e tenta se conectar com a serpente.

— Senhorita Celeste, eu sei o que é estar se sentindo sozinha vivendo escondida em um lugar escuro. Por muito tempo eu também morei no subterrâneo desse planeta até que eu conheci o Doutor e ele me ajudou. Nós somos os únicos que podem te levar de volta para casa, é isso que você quer, né?

— Veja! — O Doutor mostra o cubo para ela. — Sua família me deu isso quando pediu que eu viesse te buscar. Você confia em nós agora?

— Não! Ssssss Masssss não tenho uma opçççççção melhor. Ssssss Vou com voccccccêsssss.

Ela finalmente sossega e os tremores sísmicos cessam. O Doutor liga o cubo e a serpente é sugada para dentro dele. Eu fico de queixo caído porque tudo ocorre em alta velocidade, mas ela é tão grande que o processo todo leva mais de um minuto. Depois que a serpente está sã e salva dentro da caixa e nós nos encontramos protegidos dela, está na hora de voltarmos para casa.

Decidimos sair pela Fonte do Ribeirão mesmo. Com o caos que deve estar acontecendo do lado de fora, duvido que tenhamos algum problema. O Doutor novamente utiliza a chave de fenda sônica para cortar as grades e depois reencaixá-las no lugar. Entramos na TARDIS sem que ninguém nos note e, em poucos segundos, estamos no quintal da minha casa outra vez.

— Conceição. K9. Muito obrigado pela ajuda e pela companhia de vocês.

Sinto o meu peito apertar ao me dar conta de que a minha aventura está prestes a acabar.

— É claro que vocês são bem-vindos para ficarem aqui e viajarem comigo, se quiserem. Podemos ir para Cerberus após deixarmos Celeste em casa e, depois, para onde vocês quiserem. Ninguém sentirá falta de vocês, afinal, essa é uma máquina do tempo, quando vocês quiserem voltar, posso deixá-los aqui um segundo depois da partida.

— Au! Por favor, Conceição, aceita. Quero conhecer minhas origens, humana.

— Se eu fosse a senho... você, eu não deixava escapar essa oportunidade. Garanto que você não vai se arrepender.

— Tu também vai continuar viajando com o Doutor, Vastra?

— Não, querida. Tenho muitas aventuras me esperando em Londres, além disso, já estou com saudades da Jenny e do Strax.

— E então, o que me diz?

Eu fito K9 e depois o Doutor. Acho que o meu sorriso já responde por mim, mas mesmo assim eu digo:

— Allons-y!

FIM

